

PRÓLOGO

Culto de quarta-feira, à noite.

Sentado no banco da igreja, Daniel perguntava a Deus qual seria a razão de ele estar atravessando aquele momento de tão grande aflição. Cabeça baixa, o rosto entre as mãos, ele tentava juntar todas as peças daquele complicado quebra-cabeça que tinha se tornado sua vida nos últimos quatro dias. Sua oração, feita baixinho, lábios trêmulos e voz entrecortada, era interrompida por viradas rápidas de cabeça, que o ajudavam a ver com o canto do olho se o policial que estava de pé na porta da igreja o tinha descoberto.

Seu peito era um misto de angústia, agonia e incerteza. Talvez a pregação do missionário Cláudio lhe ajudasse a encontrar paz ou, pelo menos, uma resposta. “Afinal, foi a vinda dele até a nossa igreja que deu início a toda essa confusão”, pensou, tentando compensar sua tristeza. Era duro para um jovem de apenas 18 anos como Daniel saber o quanto iria sofrer naquela noite.

Ao final do louvor, ele se esforçou para esconder algumas lágrimas que escorriam de seus olhos e molhavam a gola da camisa. O missionário, com o rosto sério, certamente em consequência dos últimos acontecimentos, abriu sua Bíblia e anunciou a passagem-tema de sua pregação.

– Queridos irmãos, vamos ler o texto da primeira carta de Paulo aos Coríntios, capítulo treze, a partir do primeiro versículo – disse o missionário Cláudio, seguido daquele tradicional barulho do farfalhar das folhas de Bíblia sendo viradas.

“A passagem que fala da caridade”, pensou Daniel, que encontrava sempre um consolo nas passagens das Escrituras com que tinha intimidade.

Quando a igreja se colocou a postos para a leitura, o missionário olhou em volta e começou:

– Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine. Ainda que...

A leitura prosseguiu e Daniel ficou imóvel. Aos poucos, como uma cortina que se abre e revela algo oculto, aquelas palavras foram lançando luz sobre uma série de pensamentos. Seu coração disparou, num baticum que fez o peito vibrar como um bumbo de bateria. Aquelas palavras produziram nele um efeito instantâneo.

– Meu Deus... – sussurrou.

Na corrente sanguínea de Daniel, uma quantidade enorme de adrenalina foi despejada, fazendo a pulsação acelerar e as pupilas dilatarem. Seu pensamento voou a mil por hora, enquanto as palavras do missionário Cláudio faziam aquele quebra-cabeça tomar forma em sua mente e fazer sentido como nunca antes.

– ... o amor jamais acaba; mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará...

– Jesus... é isso! – falou Daniel. Em segundos, ele descobriu a resposta. Ignorando o perigo, pegou o livro que tinha comprado na véspera e, espremendo-se contra o banco da frente, pediu licença para a irmã que estava ao lado. Visivelmente irritada por estar sendo interrompida durante a leitura da Palavra, ela abriu passagem e Daniel disparou pelo corredor da igreja.

– ... porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte...

– É isso! – gritou Daniel enquanto corria em direção ao púlpito, o coração a mil, pelo meio da igreja. Todos na congregação pararam de ler, assustados, e levantaram seus olhos para aquele jovem que voava pelo corredor central. E não foram só eles. A cena incomum chamou a atenção do policial que estava de pé na porta. Num salto, ao bater os olhos em Daniel, ele gritou.

– Pare!

Ignorando o alerta, Daniel ocorreu desabaladamente em direção ao lado direito do púlpito, onde a portinha lateral levava para o primeiro andar.

– Pare!! – repetiu o policial.

Mas a essa altura, Daniel voava escada abaixo, pulando os degraus de dois em dois.

– Pare!!! – gritou o policial, saindo ao encalço de Daniel pelo mesmo corredor por onde ele tinha fugido. Se os irmãos já tinham se assustado com a inesperada corrida do jovem, ficaram ainda mais boquiabertos ao ver aquele homem de bigode espesso e grandes entradas nos cabelos correr pelo meio do templo – com uma arma na mão.

No púlpito, o missionário Cláudio, mudo, arregalou os olhos. O líder da igreja, pastor Wilson, olhou em volta sem entender nada e, por longos segundos, não conseguiu esboçar nenhuma reação. Diante daquela cena inesperada, a igreja ficou paralisada.

Daniel chegou ao primeiro andar no momento em que o policial alcançou o topo da escada. “Tenho que chegar ao gabinete do pastor!”, pensou o jovem enquanto fazia a curva e disparava rumo à terceira porta do corredor.

– Pare, moleque!!! – O grito do policial arrepiou até os ossos de Daniel.

Quando chegou à porta do gabinete, podia ouvir os últimos passos do oficial nas escadas. “Jesus, que a porta esteja aberta!”, clamou Daniel. Estava!

Ele girou a maçaneta e irrompeu sala adentro. Passou rapidamente os olhos em volta e se atirou em direção ao armário que ficava à direita da mesa do pastor Wilson. “Primeira gaveta, segunda... terceira!”. Abriu a gaveta, os dedos frenéticos percorrendo os papéis que estavam lá dentro. “Achei!”, pensou, retirando um dos papéis. Só teve um segundo para passar os olhos pela folha que estava em suas mãos, antes de ouvir a voz ofegante do policial:

– Mãos pra cima ou eu atiro! Eu atiro!

Daniel congelou, as mãos suadas, a testa fria, o coração a mil por hora.

– Mãos pra cima!! Mãos pra cima!!!

“Jesus, agora é com o Senhor”, pensou Daniel. E se virou de um pulo.

Foi só o tempo de ver o policial, assustado com seu gesto súbito, puxar o gatilho. O tiro ecoou por toda a igreja. ♦



1 Domingo ANTERIOR MANHÃ

"Não furtarás"
(Êxodo 20.15)

A igreja estava em polvorosa. Afinal de contas, aquele era um culto especial, em meio a uma maré de boas notícias. Duas semanas antes, o pastor Wilson tinha anunciado em um evento realizado ao ar livre na praça principal do bairro que a campanha de arrecadação de fundos tinha sido um sucesso.

– Meus irmãos, Deus nos abençoou. Aqui, diante de todos vocês, quero dizer que conseguimos juntar o dinheiro para a ampliação do templo!
– anunciou com felicidade o pastor Wilson.

Não tinha sido fácil. Foram meses de campanha, com vendas de cachorro-quente, sorteios de livros, pedidos de doações, venda do jornalzinho da igreja, uma loucura. Todos os membros tinham se empenhado para fazer o que podiam para arrecadar fundos para a obra.

E era uma obra necessária. O santuário já não abrigava mais o número de membros, que às vezes precisavam ficar em pé no fundo do templo para acompanhar o culto. O santuário ficava no segundo andar. Para chegar até ele, subia-se uma escadaria que vinha da rua até a parede oposta ao púlpito. No primeiro andar, havia um salão, onde eram ministradas algumas das aulas da escola dominical. À esquerda de quem entra, os banheiros, ligados ao santuário por uma apertada escada lateral. No fundo do terreno, ainda no primeiro andar, um corredor com cinco portas: na extremidade à esquerda, perto dos banheiros, uma que dava acesso ao salão. Na extremidade da direita, uma porta dava para uma terceira escada, que subia até o lado direito do púlpito, visto de frente. Por essa escada subiam os obreiros até o recinto do templo. Era por ali que desciam as salvas com as ofertas, por onde subiam os pães da Santa Ceia, por onde o pastor Wilson subia e descia para seu gabinete. Era por aquela mesma escada que quatro dias depois Daniel desceria em desabalada carreira, perseguido por um homem armado.

Entre a porta do salão e a da escadinha, havia três outras. À esquerda, a do gabinete do pastor. No meio, a da copa. E à direita, a do depósito. E era tudo. Por isso, a ampliação da igreja tornou-se uma necessidade. Era preciso ter salas de aula, um gabinete maior, um santuário mais amplo. E isso custava dinheiro, muito dinheiro.

Assim, quando o pastor Wilson revelou em praça aberta que a congregação tinha finalmente juntado o suficiente para fazer a obra, os irmãos glorificaram a Deus por quase cinco minutos seguidos. E agora, duas semanas depois, o povo ainda se alegrava.

E essa não era a única boa notícia. Ao longo da semana, o pastor Wilson surgiu com mais uma novidade. A igreja teria o privilégio de receber

Domingo anterior, de manhã

naquele domingo de manhã, em pleno culto de Santa Ceia, uma visita ilustre. Ilustre e rara: um missionário brasileiro que pastoreava uma igreja no estado americano do Texas ia visitar a congregação e trazer na bagagem um dos únicos 48 exemplares existentes no mundo da Bíblia de Gutemberg.

– Mas o que é mesmo a Bíblia de Gutemberg? – Foi a primeira pergunta que Marcos fez ao encontrar Daniel, ainda na porta da igreja. Marcos e Daniel se conheciam há muitos anos. Ambos nasceram no Evangelho e cresceram juntos, frequentando a mesma classe da escola dominical, as mesmas atividades e os mesmos grupos. Eram velhos companheiros do grupo de teatro, do coral de adolescentes, da equipe de evangelismo. Era aquele tipo de amizade que torna o colega quase que um membro da família.

– A paz do Senhor pra você também – brincou Daniel com o amigo.

– Paz. Mas explica aí, ô Crânio, o que é que essa tal Bíblia de Gutemberg tem de tão especial.

Crânio era o apelido que Daniel tinha entre os jovens da igreja. Em parte porque ele tinha um amor enorme pelos livros e, logo, uma bagagem de conhecimentos gerais bem acima da média da sua idade e, em parte, porque tinha uma capacidade sem par de decorar versículos bíblicos.

É bem verdade que Crânio era seu apelido só entre os rapazes. Entre as moças, o nome que mais se ouvia quando alguém se referia a ele era Bênção. Afinal, do alto de seu 1,79 m de altura, cabelos negros e olhos azuis, Daniel esbanjava uma simpatia e gentileza únicas. Abrir portas, ceder a passagem e oferecer lugares nos bancos da igreja era com ele mesmo. E era um jovem dedicado à oração e temente a Deus, isso era bem visível. Não eram poucas as meninas que imploravam a Deus para que ele fosse “a sua bênção”. Daí o apelido.

Fosse Crânio ou Bênção, Daniel não ligava. O importante para ele era estar bem com os irmãos e as irmãs e ser amável com todos, dentro do possível. Até mesmo com quem nem o cumprimentava ao chegar.

– A Bíblia de Gutenberg é especial porque é uma raridade. Foi o primeiro livro impresso do mundo – explicou Daniel para o amigo.

– Mas é uma Bíblia como outra qualquer? – perguntou Marcos, que era conhecido por ser preguiçoso na hora de ler. Ele preferia ouvir sobre as Escrituras do que pegar o texto e ler por si só. Com uma paciência de Jó, Daniel explicou:

– Marcos, Johannes Gutenberg foi um gráfico alemão que viveu séculos atrás. Ele aprendeu a arte da impressão com caracteres móveis e passou a ter o sonho de imprimir uma Bíblia. Pois daquele sonho nasceu o primeiro livro impresso da História.

– Ah, quer dizer que antes dele os livros eram todos escritos à mão?

– Isso aí.

Nisso juntou-se à dupla Ricardo, um novo-convertido que tinha recebido Jesus como seu salvador há pouco mais de dois meses. Ricardo era visto com uma certa desconfiança por alguns irmãos. Afinal, ele tinha estado preso na Febem por prática de furtos e envolvimento com o tráfico de drogas. Quando completou dezoito anos, foi liberado da instituição e, em vez de ir para casa, onde morava com a mãe e os irmãos, foi direto para a igreja. Bateu na porta do gabinete do pastor Wilson e foi ao assunto sem papas na língua.

– O senhor que é o pastor aqui? O que eu faço pra virar crente?

Assim foi a conversão de Ricardo, que naquele dia decidiu que ninguém mais poderia chamá-lo do nome de guerra da época da bandidagem: Buiú.

Domingo anterior, de manhã

E embora muitos não confessassem abertamente, olhavam meio torto para aquele jovem negro, morador de um casebre na favela que, dois meses antes, estava preso numa instituição por roubo.

– A paz do Senhor, jovens.

– Paz, Ricardo.

– Paz.

– Vocês estão conversando sobre o quê?

– Sobre nossa visitante ilustre de hoje.

– Ah, sim, a Bíblia rara. Como é que ela veio parar na nossa igreja, hein, Crânio?

– Pelo que o pastor Wilson me disse, esse missionário, Cláudio, entrou em contato dos Estados Unidos dizendo que tinha autorização da Universidade do Texas para levá-la a diversas igrejas do Brasil e a nossa foi uma das escolhidas. É uma espécie de viagem de incentivo à cultura ou algo do gênero.

– Universidade do Texas? – Marcos fez cara de ignorância.

– Sim, a universidade tem um dos cinco únicos exemplares que estão nos Estados Unidos. Existem hoje quarenta e oito espalhados pelo mundo, dos cento e oitenta que foram impressos.

– Mas vem cá, ô Crânio, como é que você sabe tanta coisa sobre essa Bíblia, hein?!

– Você esqueceu que sou o editor-chefe do “Arauto”? – riu Daniel. Riu num tom brincalhão e continuou exagerando no tom professoral – Pesquisei um pouco sobre o assunto para escrever uma matéria para a

edição deste mês. Não lembro em que ano foi impressa, mas sei que ela foi chamada de Bíblia Mazarin, ou Bíblia de 42 linhas, toda em letras góticas e com ilustrações de fino acabamento artístico.

O “Arauto” era o jornalzinho que Daniel editava há dois anos para a igreja, com a autorização do pastor Wilson. Ele próprio entrevistava, pesquisava, fotografava, diagramava e até imprimia. Uma vez por semana, às segundas-feiras, o pastor deixava Daniel usar durante a manhã o computador do gabinete pastoral para fazer o que fosse preciso para o jornal.

Ele era editado com capricho. Na primeira página da última edição, a manchete “Glória a Deus! As obras vão começar!” fazia referência ao anúncio do pastor sobre o resultado da campanha de arrecadação. Sob a manchete, uma foto que Daniel tirou do alto do púlpito, retratando o pastor de costas e a multidão lá embaixo – uma foto simples mas expressiva. Dava para ver nos rostos das centenas de pessoas a alegria estampada. O “Arauto” era o orgulho do seu editor. Foi graças a seu trabalho com ele que Daniel pegou o gosto pela coisa e decidiu seguir a carreira de jornalista. Passou o ano anterior orando e estudando, orando e estudando, orando e estudando. Finalmente, chegou o vestibular e, com ele, a bênção de Deus: Daniel foi aprovado. Agora ele esperava apenas as férias acabarem, pois em um mês começariam as aulas na faculdade de jornalismo.

– Pessoal, o culto vai começar, vocês não vão entrar? – perguntou o diácono Sérgio, uma espécie de recepcionista da igreja. Ele já estava postado de pé na porta, pronto para saudar os visitantes.

Daniel e Marcos sorriram e se viraram para subir as escadas da igreja. Mas antes que chegassem a entrar, ouviram a pergunta de Ricardo.

– E essa tal Bíblia é valiosa?

Os dois se entreolharam. Foi Daniel quem respondeu.

Domingo anterior, de manhã

– Muito. Custa uma fortuna. É uma peça rara, de grande valor histórico. E, lógico, grande valor financeiro também. Na verdade, é considerado o livro mais caro do mundo. Por quê? Está pensando em comprar? – brincou.

Diante do silêncio de Ricardo, os dois amigos entraram pela porta. Na rua, Ricardo ficou parado uns minutos, pensativo. Sua testa franziu enquanto refletia sobre o que tinha acabado de ouvir. Depois entrou atrás da dupla, já ao som dos primeiros acordes do grupo de louvor.



Daniel não gostava de entrar no santuário com o culto já começado. Ele entendia que atrapalhava os irmãos e a ordem na reunião. Mas o papo sobre a Bíblia de Gutemberg o deixou entretido e ele acabou perdendo uma boa parte do início. Além disso, percebeu que precisava dar uma passada no banheiro antes de subir e, quando entrou no santuário, já tinham transcorrido uns vinte minutos de culto. Procurou um lugar vago e sentou-se.

O grupo de louvor estava especialmente animado naquele dia, com uma unção diferente. No púlpito, o pastor Wilson, do alto de seus cinquenta e poucos anos, cabelos grisalhos e rosto bem barbeado, cantava alegremente o corinho. Ao seu lado, um homem na casa dos quarenta, terno impecável e uma grande Bíblia de capa preta na mão, permanecia de olhos fechados, sem cantar as letras.

“Esse deve ser o missionário do Texas”, pensou Daniel. “Dá para ver que ele não conhece esses corinhos novos.” Seu faro jornalístico estava correto. Assim que o louvor terminou, pastor Wilson pediu que todos sentassem – os que podiam, pois, àquela altura, muita gente já se aglomerava de pé no fundo da igreja, esperando ansiosa para ver a raridade que veio de tão longe – e ligou o microfone.

– Irmãos, hoje é um dia de júbilo para nossa igreja. Como anunciei ao longo da semana, temos o prazer de receber nesta manhã, no culto

de Santa Ceia, o missionário Cláudio. Ele vive no Texas, nos Estados Unidos, e está numa turnê pelo nosso país com uma missão especial: apresentar para os irmãos brasileiros um dos únicos exemplares que ainda existem da primeira Bíblia impressa no mundo. Na verdade, o primeiro livro impresso no mundo.

Marcos, que estava sentado do outro lado do templo, virou-se para Daniel e, de longe, fez um sinal com o polegar, como que querendo dizer “é isso aí, você estava sabendo, hein?!”. Pastor Wilson continuou.

– A Bíblia de Gutenberg não deve ser um objeto de idolatria, mas de admiração. O missionário Cláudio chegou hoje bem cedo à cidade e, por medida de segurança, trouxe o livro em um cofre portátil, que está trancado em meu gabinete. Eu tive o privilégio de dar uma espiadinha na capa dela lá embaixo e ao final do culto de hoje vamos trazê-la aqui para cima para que todos possam ver com mais atenção.

Nesse momento, ouviu-se um burburinho pela igreja, empolgados que todos estavam com a ideia.

– O missionário Cláudio vai ficar conosco até quinta-feira, quando segue a outra cidade, para onde levará a Bíblia, para que possa ser vista de perto pelos irmãos de outras igrejas. Hoje, amanhã, terça e quarta-feira a Bíblia estará em exposição durante a tarde no salão do primeiro andar. No culto de quarta, o irmão Cláudio se comprometeu a trazer a mensagem da noite para nós, certo, amado?

O missionário sorriu e fez que sim com a cabeça.

– Mas é claro que queria aproveitar agora para que ele trouxesse uma saudação à igreja – disse, e passou o microfone para o missionário. O visitante agradeceu com um aceno de cabeça e ficou de pé.

– Amigos, estou feliz de estar aqui – começou Cláudio – Há quinze anos vivo nos Estados Unidos e é sempre bom voltar à minha terra natal.

Domingo anterior, de manhã

Sou pastor de uma igreja que tem fortes ligações com a Universidade do Texas e, graças a esses laços, a direção dessa distinta instituição de ensino me permitiu trazer essa relíquia para apresentá-la aos irmãos de diversas igrejas brasileiras.

O missionário Cláudio era um homem sério, mas de certo modo carismático. “Apesar de viver há muitos anos no exterior, quase não se nota nenhum sotaque”, pensou Daniel. Mulato, cabelos crespos e bem negros, impressionava pela magreza mas também pela elegância no vestir. O único contraste com sua boa aparência era a enorme Bíblia de capa preta que não saía um instante sequer de baixo de seu braço, visivelmente amarelada e envelhecida. “Mas pastor que se preza tem mesmo é que ter uma Bíblia bem gasta”, riu-se Daniel.

– Já percorri igrejas de outros estados e ainda vou percorrer muitas outras. Orem para que tudo dê certo, pois esta Bíblia é uma relíquia do século quatorze e carregá-la por aí exige muita responsabilidade.

Daniel sacou a caneta que sempre carregava e anotou num papel avulso a informação que faltava para escrever sua matéria para o “Arauto”: a época da impressão da Bíblia de Gutemberg. “Século quatorze”, escreveu.

– Peço as orações de todos vocês para que muitos irmãos possam ser edificadas com essa minha viagem. Bem, já falei demais, devolvo agora a palavra ao pastor Wilson – concluiu o missionário, que devolveu o microfone e sentou-se.

O pastor começou a dar outros avisos de programações da igreja. Naquele momento, Daniel notou que Ricardo tinha se levantado de onde estava sentado e se dirigiu à portinha da esquerda, que dava acesso aos banheiros. “Esse menino sempre arranja um jeito de ir ao banheiro no meio do culto”, pensou Daniel. O editor do “Arauto” aproveitou e deu uma espiadinha em volta. Lá estavam muitos rostos conhecidos. Irmã Zenaide, a líder do grupo de oração. Também estavam lá Cecília, Marília e Emília, as três irmãs, filhas do presbítero Antonio, que

lideravam o fã-clube do Bêncão. Ele gostava muito das três, mas só como amigas. “Ainda não é a hora de pensar em namorar”, justificava-se Daniel para os amigos que insistiam que já era mais do que hora de ele arranjar uma namorada.

Mas quem? Tinha a Sara, a dos cabelos ruivos. A Nina, que tinha um forte sotaque do interior. A Lucineide, uma menina de oração mas que também não era de muita conversa. Enfim, as possíveis candidatas eram muitas, mas na hora da decisão Daniel era sempre firme:

– Ainda não é hora de namorar.

E assim seguia, sempre priorizando outras coisas. Não que ele não quisesse namorar, ele tinha até uma quedinha pela Alessandra, aquela gordinha simpática e sempre sorridente que era neta de um pastor de outra igreja. Mas é que, dizia ele, se fosse para namorar era para levar a sério.

– Namorar por namorar é perda de tempo.

E assunto encerrado. Bem, encerrado para ele, pois aquele seu jeito decidido de levar namoro a sério só fazia com que as meninas da igreja ficassem ainda mais encantadas por ele. E tome oração e jejum pelo Bêncão.

Pastor Wilson começou a pregar. O tema do dia era “O poder do perdão”. Foi uma mensagem linda, enriquecida com muitos versículos, ilustrações e até citações de filósofos gregos. “Esse homem prega muito”, admirava-se Daniel, feliz por ter como líder espiritual um homem tão habilidoso como pregador. Mais do que isso, ele o tinha como um pai: como era órfão, enxergava naquele homem amoroso e sábio um substituto à altura.

Quase no fim da pregação, Daniel reparou que Ricardo tinha voltado ao santuário pela mesma porta por onde tinha descido. “Que pena, seria tão bom se ele tivesse ouvido essa mensagem”, lamentou.

Domingo anterior, de manhã

Depois, foi servida a Santa Ceia. Enquanto o coral das senhoras cantava, o pão e o vinho foram distribuídos. A ceia foi rápida e, ao final, chegou o momento esperado.

– Meus irmãos, enquanto oramos vou pedir ao diácono Wesley que vá até meu gabinete e traga o cofre onde está a Bíblia de Gutemberg – disse o pastor Wilson, estendendo a chave de sua sala para Wesley, um militar do exército parrudo que há dois anos era diácono. Ele pegou a chave e desceu pela portinha da direita.

A igreja ficou em silêncio, em profunda oração. Poucos minutos depois, Wesley voltou com o “cofre”, na verdade uma valise metalizada com um cadeado e uma combinação numérica, que foi entregue ao missionário Cláudio. Ele sacou do bolso interno de seu paletó a chave da valise e olhou para o pastor Wilson, à espera de uma autorização, que veio na forma de um aceno de cabeça.

– Mostre a bênção, irmão – disse o pastor.

A congregação prendeu a respiração, os olhos fixos de expectativa. Todos acompanharam quando o missionário Cláudio enfiou a chave na fechadura, acertou os números do segredo e girou a chave. A valise se abriu e todos espicharam o olho. Foi o pastor quem quebrou o silêncio.

– Meus irmãos, aqui está a Bíblia de...

Os instantes seguintes foram de choque. A igreja inteira viu quando a valise foi aberta. E dentro dela... não havia nada.

Aqueles segundos pareceram horas. As pessoas só caíram na realidade quando o missionário Cláudio exclamou, trêmulo e com os olhos arregalados:

– Fui roubado!!! ♦